

DIS CI PU LA DO

JOVENS

BATISTAS

Eu,
discípulo.

DISCIPULADO

O discipulado para nós é um valor a ser seguido. É como escolhemos viver a igreja e o que nos faz ser parte dela. É você imitar tanto a Cristo a ponto de poder ajudar outras pessoas a imitarem também; é morrer para si mesmo; é mergulhar nas Escrituras; é todos os dias se parecer cada vez mais com Jesus. É uma das doutrinas mais imprescindíveis da vida cristã. Portanto, o discipulado é mais que uma boa estratégia, ou apenas um modelo de uma igreja funcionar. Discipulado é a forma ou apenas um modelo de uma igreja funcionar.

O QUE É?

O Eu, Discípulo é um programa de discipulado com recurso para pequenos grupos produzido nesse momento em formato de PDF, de forma simples e fundamentada no evangelho que comprehende várias etárias da igreja local.

PARA QUEM É?

Destina-se para ser utilizado em contexto de pequenos grupos. É projetado para qualquer pessoa pegar o material e liderar. O conteúdo é desafiador, mas acessível e fácil de entender.

COMO USAR?

Monte seu grupo de discipulado. Compartilhe esse material em conversas agradáveis mas, principalmente, invista sua vida na vida de outras pessoas.

E não esqueça, o material é uma parceria entre você e o seu testemunho cristão. Ensino bíblico através de relacionamento.

EU, DISCÍPULO.

EIXO NOVAS GERAÇÕES

APRESENTAÇÃO

Estas 12 lições foram desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho do eixo de Novas Gerações, do Planejamento Estratégico da CBEES, desenvolvido pelo Ministério de Educação Cristã (MECRI), com foco no discipulado de Jovens a partir de 18 anos das Igrejas arroladas à Convenção. Os estudos foram baseados nos livros “A Formação de um Discípulo – Keith Phillips”, “Discipulado – Dietrich Bonhoefer” e “Você é aquilo ama – James K. A. Smith”. Recomenda-se que, principalmente os facilitadores/professores/líderes façam a leitura de tais literaturas antes da aplicação das lições, em especial “A formação de um discípulo”.

Outra sugestão é a utilização de algumas ilustrações utilizadas nos livros, ou novas desenvolvidas pelos próprios livros, baseados no contexto de cada igreja, a fim de que haja melhor assimilação do conteúdo.

As lições apresentadas também podem ser utilizadas para capacitação de novos discipuladores na igreja local.

O grupo de trabalho que desenvolveu essas lições foi composto pelos Voluntários:

Davi Taylor Pompermayer
Jéssica Santos Souza Martins
João Marcos Bezerra
Paulo Ricardo Benevenuto Ribeiro
Thais Barboza Gonçalves

SUMÁRIO

LIÇÃO 1.....	ENTENDENDO A GRAÇA
LIÇÃO 2.....	CHAMADO AO DISCIPULADO
LIÇÃO 3.....	EU SOU DISCÍPULO? OBEDIÊNCIA
LIÇÃO 4.....	EU SOU DISCÍPULO? SUBMISSÃO
LIÇÃO 5	EU SOU DISCÍPULO? AMOR
LIÇÃO 6.....	EU SOU DISCÍPULO? ORAÇÃO
LIÇÃO 7.....	criado para reproduzir
LIÇÃO 8.....	A ESCOLHA DE UM DISCÍPULO
LIÇÃO 9.....	O DISCIPULADO É RELACIONAL
LIÇÃO 10.....	A DINÂMICA DO DISCIPULADO
LIÇÃO 11	O PADRÃO DO DISCÍPULO: EXCELÊNCIA
LIÇÃO 12.....	O MODELO DO MESTRE

Lição 1

ENTENDENDO A GRAÇA

Deus nos ama de uma maneira tão maravilhosa que é quase impossível descrever. Isso é graça! Um favor imerecido da parte de Deus, que permite ao homem existir, é direcionada a toda humanidade e, por outro lado, abre-nos caminho para nos relacionarmos com Ele.

A definição de graça é a ação de ceder bondade a alguém que não tinha direito. Nós não tínhamos direito a vida eterna, mas nosso Deus nos concedeu, através do seu filho Jesus. É um ato de generosidade fundamentado em disposição de compaixão para com o necessitado.

No grego, a palavra traduzida por graça é “*charis*” que denota favor e amizade, assim como beneficência; dadivas de bem feitores são consideradas atos de *charis* neste último sentido.¹ Mas temos uma lista de seus significados:

- Graciosidade
- Atrativos
- Favor
- Cuidado ou ajuda graciosa
- Boa vontade (Romanos 3:24 – Gálatas 1:15)
- Saudações nas cartas
- Bênção expressa no final das epistolas
- Desejo de bem-estar acerca dos leitores dessas cartas.

Cerca de dois terços de todas as referências do Novo Testamento à *charis* estão nas epistolas paulinas. Nelas há a afirmação fundamental de que toda a salvação reside na iniciativa de Deus, que a única fonte de salvação é Deus e que os propósitos salvíficos de Deus se expressam no único acontecimento de graça, o ato redentor de Jesus Cristo. Talvez a ênfase paulina seja mais ressaltada em Efésios 2:8-9: “Pois vocês são salvos pela graça por meio da fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus [...]”

A graça de Deus é dada livremente, mas também possibilita e provoca uma resposta humana, para que as pessoas sejam convocadas a se

¹ ALEXANDER, Desmond T. **Novo Dicionário de Teologia Bíblica**. Tradução: William Lane. São Paulo: Editora Vida, 2009, pag. 809

comportarem perante Deus em adoração, gratidão e obediência; e uns para com os outros em maneiras que refletem e irradiem a amabilidade de Deus.

GRAÇA BARATA X GRAÇA PRECIOSA

A graça barata é o maior problema que a igreja tem enfrentado nestes últimos tempos. A luta para não cair nesta armadilha é constante e exaustiva.

Segundo Alexandre Cabezas (2009):

É uma fé descuidada, legalista, desencanada do verdadeiro compromisso e da transformação que Jesus exige com o coração do Reino de Deus para os seus seguidores. Uma fé que não toca a alma nem a consciência, um cristianismo sem Cristo e sem Cruz; uma fé estéril, inútil, vazia porque, ao final, não é sustentável.²

Para Dietrich Bonhoeffer (2016, p. 19)

A graça barata é a graça como resto de estoque, perdão barateado, consolo barateado, sacramento barateado; é a graça como riqueza inesgotável da Igreja, graça que mãos levianas gastam sem vacilo nem limite; é graça sem preço, sem custo.³

Essa graça barata é a pregação de justificação do pecado ao invés de justificar o pecador.⁴ Podemos seguir nossas vidas livremente, fazendo o que quiser, afinal de contas, nossos pecados já foram perdoados. Não há uma transformação de mente no encontro com Cristo, continuamos do mesmo jeito, com as mesmas práticas do velho homem. A graça barata nos remete a um “cristianismo empregatício”, onde basta estarmos presentes ali 2 dias na

² CABEZAS, Alexandre. Bonhoeffer, a graça barata e o evangelho da prosperidade. Ultimato, 2013. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/bonhoeffer-a-graca-barata-e-o-evangelho-da-prosperidade>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2021

³ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução Murilo Jardelino, Clélia Barqueta. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, capítulo 1, pag. 19

⁴ Ibidem, p. 19.

semana, 2 horas por dia que tudo está bem, seguimos felizes, contentes e seguros.

Mas em contrapartida dessa praga que é a graça barata, temos a verdadeira Graça! A Graça Preciosa! Esta Graça é preciosa porque leva ao discipulado com Jesus. A graça preciosa é:

O tesouro oculto no campo, pelo qual o ser humano vende feliz tudo que possui; é a perola preciosa, pela qual o mercador oferece todos os seus bens; é o domínio do reino de Cristo, pelo qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; é o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo deixa suas redes para trás e o segue.⁵

É a graça que faz com que as vontades da mente e do coração se convertam para as coisas certas. Faz com que toda a nossa visão de mundo seja completamente refeita, reciclada. É a única coisa capaz de fazer quebrar as escamas dos olhos do ser humano e fazê-lo enxergar através da cruz de Cristo e do arrependimento a nova vida.⁶ É aquilo que faz a conversa de Nicodemos com Jesus fazer sentido.⁷

A graça preciosa é como uma joia, algo muito, muito precioso que deve ser preservado e protegido. A graça como resultado e não como premissa inicial. Quem se rende a graça barata, se vê privado de conhecer a graça preciosa. Na graça barata, você se sente forte, mas na verdade está fraco. O que mantém o ser humano verdadeiramente forte é a obediência e o discipulado.

REFLEXÃO

1. Qual graça você tem vivido? Você se vê merecedor do poder de Deus na sua vida?
2. A graça de Cristo é tão preciosa assim para você?

⁵ Ibidem, p. 20.

⁶ Atos 9:18

⁷ João 3

Lição 2

CHAMADO AO DISCIPULADO

Agora que entendemos a graça, aprendendo a não confundir a graça barata (doutrina de quem acredita que basta apenas aceitar o amor de Deus para ter os pecados perdoados; onde não há arrependimento, nem necessidade de libertação; que justifica o pecado e não o pecador) com a verdadeira graça preciosa que chama ao discipulado de Cristo⁸. Podemos ampliar nossa compreensão do discipulado.

O Evangelho de Mateus apresenta Jesus convidando os discípulos para segui-lo. Primeiro foram os irmãos. Em seguida, apresenta o cobrador de impostos (leia Mateus 4.18-22 e 9.9). Podemos observar nestes textos que Pedro e André “deixaram imediatamente as redes” e seguiram o Mestre. Tiago e João também tiveram um comportamento semelhante quando “no mesmo instante, deixaram o barco e seu pai e seguiram Jesus”. E Mateus também “se levantou e o seguiu”. Isto mostra uma resposta rápida a um simples convite.

Apesar de tentarmos explicar o motivo deles aceitarem o convite de seguir o Mestre rapidamente, apenas Pedro e André foram avisado que seriam transformados em pescadores de homens. Mas será que isto seria uma boa razão? O texto em si não apresenta mais informações e os outros três discípulos nem isto ouviram. Então, o que podemos aprender?

QUANDO CRISTO CHAMA, SOMOS DESAFIADOS A OBEDECER

“O chamado é feito e, de imediato, aquele que o ouviu obedece. A resposta do discípulo não é uma confissão oral da fé em Jesus, mas um ato de obediência.”⁹. Pedro, André, João, Tiago e Mateus precisaram apenas ouvir o convite. Isto nos revela que o próprio Jesus é a justificativa válida para aceitar o chamado. As frases “Venham comigo!” e “Siga-me!” foram suficientes porque o próprio Senhor, que tem autoridade, era quem chamava.¹⁰

⁸ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução Murilo Jardelino, Clélia Barqueta. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, capítulo 1.

⁹ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado** [recurso eletrônico]. Tradução: Murilo Jardelino, Clélia Barqueta. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, capítulo 2.

¹⁰ Idem.

O apóstolo João nos revela em seu Evangelho que Cristo é a Palavra de Deus, o próprio Criador encarnado. Todavia, esta informação foi obtida depois de três anos sendo discipulado pelo Mestre, após os discípulos terem um relacionamento com Ele. O que mostra que para iniciar uma caminhada com o Senhor é necessário primeiro a obediência ao chamado. Depois é que vem o relacionamento.

Lembram que a graça é uma iniciativa de Deus para salvar a humanidade? Da mesma forma o discipulado inicia com a chamada de Jesus para o discípulo caminhar com Ele. A única exigência no momento do convite é a obediência para segui-Lo. Então, agora fica a pergunta: O que é esse discipulado?

Segundo Phillips (2008, p.19):

Jesus usou relacionamento com os homens que ele treinou para difundir o Reino de Deus. Seus discípulos estiveram com ele dia e noite por três anos. Escutavam seus sermões e memorizavam seus ensinamentos. Viram-no viver a vida que ele ensinava. Então, após sua ascensão, confiaram as palavras de Cristo a outros e encorajaram-nos a adotar o seu estilo de vida e a obedecer ao seu ensino. Discípulo é o aluno que aprende as palavras, os atos e o estilo de vida de seu mestre com a finalidade de ensinar outros.¹¹

E ainda define o que é o discipulado cristão atual (p.20):

O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo que o aluno é capaz de treinar outros para que ensinem outros.¹²

Por isso, ao observar o exemplo de Jesus percebemos que existem dois componentes essenciais no discipulado. Descubra quais são completando as frases abaixo.

¹¹ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.19.

¹² Idem, p. 20.

1. “O chamado de Cristo para o discipulado é uma chamada para a _____, uma entrega absoluta a Deus”¹³ (Lucas 9.23 e 24).
2. “Cristo ordenou que seus discípulos _____ em outros a plenitude de vida que encontraram nele”¹⁴ (João 15.1-8).

REFLEXÃO

1. Jesus foi honesto e direto no relacionamento com os discípulos. Você está sendo honesto e obedeceu ao deixar tudo para segui-Lo?
2. Você entende que não pode se tornar discípulo de Cristo sem morrer para si mesmo?
3. Jesus deixou a missão de fazer discípulos. Você tem reproduzido, fazendo outros discípulos de Cristo?

¹³ Ibidem, p. 20.

¹⁴ Ibidem, p. 25.

Lição 3

EU SOU DISCÍPULO? OBEDIÊNCIA

Uma vez chamados por Jesus damos início a jornada da vida de discípulo. Para Phillips (2008, p.41)¹⁵ a obediência é o primeiro distintivo dessa jornada. Em seu evangelho, João, nos apresenta uma conversa em que Jesus leva a obediência a um nível mais alto (João 15 1-16). Jesus nos mostra que todas as nossas ações estão ligadas aos nossos desejos. Nossos hábitos diários, aquilo que gastamos tempo, toda nossa rotina, se bem analisada, nos informa sobre aquilo que amamos. Jesus nos mostra que só podemos nos tornar aquilo que amamos, uma vez que refletimos em nossas ações aquilo que domina nosso coração.

A obediência necessária para uma vida de discipulado não deve nascer em nós mesmos. Se analisarmos de forma sincera nosso coração, e as ações que dele refletem, perceberemos que não somos bons por nós mesmos. Ainda habitam em nossos corações desejos contrários ao caráter de Jesus. Nenhuma ação que não seja um desejo claro de arrependimento e o amor à Jesus podem nos proporcionar essa transformação.

É isso que Philips percebe em sua jornada: “A verdade era dolorosamente clara. É necessário ser médico antes de tratar dos doentes. É necessário ser advogado antes de advogar. Do mesmo modo, eu teria de ser como Cristo antes de realizar sua obra” (Phillips, 2008, p.38)¹⁶.

A OBEDIÊNCIA DESEJADA POR JESUS É A EXPRESSÃO SINCERA DOS DESEJOS DO NOSSO CORAÇÃO.

“Porque se você é aquilo que ama e o amor é uma virtude, então o amor é um *hábito*”(Smith, 2017, p.41)¹⁷. O caráter do cristão não vem pronto com a

¹⁵ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p. 41.

¹⁶ Ibidem, p. 38.

¹⁷ SMITH. K. A. P J. **Você é aquilo que ama.** ----- 2017, p.41

conversão ou como um presente ao descer as águas, mas é um processo diário de educar e reeducar nossos amores e hábitos.

Podemos pensar nisso como o início de uma atividade física. Não basta só força de vontade. É necessário disciplina e gatilhos que te lembrem de realizá-la frequentemente. O começo é a parte mais difícil e ninguém vence essa etapa apenas lembrando a importância de uma boa corrida, por exemplo. Depois dessa fase inicial, passamos a nos acostumar e amar nossa nova rotina. O amor que gera obediência a Deus é uma construção que começa no coração de Deus e que se desenvolve no nosso.

Segundo Smith (2017, p. 42):

“É crucial reconhecermos que nossos maiores amores, anseios, desejos e paixões são *aprendidos*. E, como o amor é um hábito, nosso coração é calibrado por meio da imitação de exemplos e ao ser imerso em práticas que, com o tempo, ajustam o coração para um fim determinado. Aprendemos a amar, portanto, não primariamente ao adquirirmos informações sobre o que devemos amar, mas por meio de práticas de modelagem de *como* amamos. Esses tipos de práticas são as “pedagogias” do desejo, não por serem como palestras informativas, mas por serem rituais que formam e direcionam nossas afeições.”¹⁸

Essa argumentação de Smith vai ao encontro com o pensamento de Phillips (2008, p.46) ao afirmar que a maioria dos cristãos quer obedecer à Palavra de Deus, mas querer não é suficiente. Querer é função das emoções e oscila com os sentimentos. O discípulo decide obedecer à Palavra de Deus.¹⁹

¹⁸ Ibidem, p. 42.

¹⁹ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p. 41.

REFLEXÃO

1. Quais dos seus hábitos você considera coerentes com o caráter de um discípulo e quais não? listá-los em um papel pode ajudar na reflexão.
2. Nós expressamos aquilo que amamos. Após refletir sobre seus hábitos, o que percebe que está dominando seu coração?
3. A confissão de pecados é um bom hábito para refletir de forma honesta sobre a forma que estamos vivendo e pensarmos formas de mudança. Você consegue pensar em alguém próximo para iniciar essa prática?

Lição 4

EU SOU DISCÍPULO? SUBMISSÃO

Nós refletimos sobre a obediência, mas no estudo de hoje vamos aprender que a submissão vai além, é uma atitude de confiança interior.

Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve. (Mt 11.28-30)

Quando Jesus diz para tomarmos o seu jugo, é um convite para a submissão. Tomar o jugo de Jesus é submeter-se à autoridade de Cristo, confiar nele. PHILLIPIS (2008)²⁰, elucida:

Quando comecei a dirigir um carro, observava o limite de velocidade, mesmo sem o querer. Minha motivação para a obediência à lei, porém, não era a confiança, e sim medo. Não queria ser multado e ter de pagar um seguro mais alto. O Estado estava satisfeito com a minha obediência a sua autoridade, não obstante a minha motivação. **Cristo**, porém, **não se agrada de mera obediência**. Ele quer também que seus discípulos sejam submissos – que **confiem nele**. (grifo nosso)

A Bíblia traz alguns exemplos de obediência sem submissão, e também exemplos de submissão sem obediência. Os fariseus “obedeciam à letra da lei sem compreender o espírito pelo qual Deus desejava que ela fosse interpretada. Eles não confiavam no julgamento de Deus porque a sua lei mais alta, a lei do amor, era-lhes totalmente estranha.” (PHILLIPIS, 2008)²¹

De outra forma, os discípulos, quando proibidos de falar de Jesus, desobedeceram às leis dos homens para se manterem submissos a Deus (At

²⁰ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.50.

²¹ Idem, p. 50.

4.18-20). Não há culpa no ato realizado com submissão ao Senhor. “O discípulo luta por manter uma atitude de confiança na autoridade de Deus, não importa o preço.”²²

A AUTORIDADE DE CRISTO É SUPREMA

Conforme PHILLIPS descreve, a “submissão completa à autoridade de Cristo é irracional para qualquer pessoa que não seja um homem morto para si mesmo, isto é, alguém que fez de Cristo Senhor de sua vida. [...] A submissão de Cristo é suprema (Mt 23.10)”.²³ Desta forma, tudo o que temos e somos precisam estar debaixo dessa submissão.

Em Lucas 14.33 Jesus diz que “[...] qualquer de vocês que não renunciar a tudo o que possui não pode ser meu discípulo.” Com relação ao texto, PHILLIPS (2008)²⁴ declarou:

Ao fazer a relação das minhas bençãos, de todas as coisas que eu considero preciosas – minha esposa, meus filhos, meu trabalho, minha saúde, meus amigos, minha reputação, meu lar -, percebi que **qualquer delas podia tornar-se um deus para mim**. Tive de admitir que, se Deus quisesse levar uma ou todas elas, eu realmente entraria em crise. Então Deus me lembrou de que eu era um homem morto. E um homem morto não tem possessões. (grifo nosso)

A declaração do autor nos leva a uma auto reflexão profunda:

- Será que realmente compreendemos que o senhorio de Jesus em nossas vidas significa não ter possessões e abrir mão de qualquer condição para servi-lo?!
- Caso Deus escolha tirar algo de você, o que vai acontecer com sua fé?

²² Ibidem, p. 51.

²³ Ibidem, p. 53.

²⁴ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p. 53.

PHILIPS (2008) continua: “Quando estabelecemos condições para obedecer a Deus, negamos completamente nossa confiança nele.” Se demonstrarmos reserva em relação à submissão a Deus, significa que achamos que podemos cuidar de nós mesmos melhor do que Ele.

Deixar de exercer a submissão com alegria é negar a autoridade de Deus, seu amor e sabedoria, bem como é a demonstração de que não houve morte do nosso eu.

CRISTO REINA HOJE POR MEIO DA AUTORIDADE DELEGADA

Deus enviou Jesus, com toda a autoridade na terra, e Ele comissionou seus discípulos. “Os primeiros discípulos delegaram a autoridade recebida de Cristo aqueles que eles treinaram. Com a autoridade de Cristo, designaram líderes para a Igreja (at. 6,3,6; 14.23 e comissionaram-nos a instruir outros, que, por sua vez, ensinariam ainda a outros (2 Tm 2.2)” (PHILLIPS, 2008)²⁵

Desta forma, “Como toda autoridade vem de Deus (Rm 13.1-5) e ele dá autoridade a quem lhe aprovou (Ef. 4.11,12), nossa atitude para com aqueles aos quais ele confia autoridade reflete a nossa verdadeira atitude para com Deus.” (PHILLIPS, 2008)²⁶

VOCÊ RECEBE AUTORIDADE POR MEIO DA SUBMISSÃO

O que determina a autoridade de alguém é a pessoa a quem esta está submetida. Em nosso caso, “o cristão não tem autoridade, a não ser que venha de Cristo”. (PHILLIPS, 2008)²⁷ E só continuamos com autoridade por nos submetermos aquele que tem autoridade sobre nós.

Temos uma péssima mania de achar que vamos sempre nos virar sozinhos, dar conta de tudo e que não precisamos dos conselhos de ninguém.

²⁵ Idem, p. 54.

²⁶ Ibidem, p. 55.

²⁷ PHILLIPS, Keith W. *A formação de um discípulo*. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p. 56.

Mas isso é perigoso e diferente do que Jesus ensinou. Da mesma maneira, a bíblia nos ensina sobre o tipo de líderes aos quais devemos nos submeter. Precisamos, portanto, tomar muito cuidado com nossas atitudes e rebeldia quando estivermos dos dois lados do relacionamento, tanto de autoridade quanto de submissos.

Sobre isso, PHILLIPS (2008)²⁸ declara duas coisas:

A submissão a homens espirituais tem-me aliviado de enorme pressão. [...] Minha submissão não fecha as portas à responsabilidade pessoal de examinar as Escrituras e testar a liderança (At. 17.11)

DISCÍPULOS EXERCEM SUA AUTORIDADE SERVINDO

Em Mateus 20.26, encontramos: “[...] quem quiser tonar-se importante entre vocês deverá ser servo.” A melhor forma de liderança é o serviço. Um líder maduro serve, ao invés de escolher ser senhor em todas as situações. PHILLIPS (2008)²⁹ aponta que “os apóstolos, cuja autoridade na Igreja estava acima de dúvida, eram servos-líderes. Eles não impunham ordens sobre seus filhos espirituais (2Co 1.24). Exerciam autoridade de modo humilde e amoroso.”

Importante destacar que liderar servindo vai além de execução de atividades, envolve cuidado e afeto. É impossível discipular uma pessoa mantendo uma distância “segura” de afeto. Desta forma, servi-la é, em alguns momentos, **abrir mão do que você deseja, para atender a uma necessidade do outro.**

Precisamos compreender que sem essa relação de submissão e autoridade sendo exercidas na maneira que Cristo ensina, a Igreja não funcionará de maneira correta. As quatro verdades bíblicas para a submissão com alegria, destacadas neste estudo, são a chave para uma liderança e discipulado saudáveis e efetivos.

²⁸ Idem, p.58.

²⁹ Ibidem, p. 61.

REFLEXÃO

1. Como eu encaro perdas na minha vida?
2. Tenho condicionado minha confiança em Deus ou comprehendo sua autoridade suprema?
3. O discípulo se submete com alegria a Cristo e às autoridades delegadas por ele; E eu?
4. Como tenho exercido minha autoridade?

Lição 5

EU SOU DISCÍPULO? AMOR

“Nós amamos porque Ele nos amou primeiro” (1 João 4:19). Nesse trecho de sua carta, João, nos explica um dos pontos centrais de nossa Fé: a manifestação do Amor de Deus refletida através dos nossos atos de amor uns pelos outros. Já entendemos que como discípulos de Cristo devemos estar decididos a imitar seu caráter, mas para isso é necessário termos sempre em mente a mesma consciência de Jesus.

Portanto, devemos lembrar frequentemente de alguns pontos:

- 1) Em Jesus nos tornamos filhos amados por Deus. Deus nos ama ainda sendo pecadores, e seu Amor é o único motivo pelo qual alcançamos salvação. No Amor de Jesus somos feitos novos e isentos de condenação.

“Pois Deus é tão rico em misericórdia e nos amou tanto que, embora estivéssemos mortos por causa de nossos pecados, Ele nos deu vida juntamente com Cristo. É pela graça que vocês são salvos!” (Efésios 2:4-5).

- 2) O Amor de Jesus nos leva a amar as pessoas ao nosso redor. Se o Amor que recebemos não vem por nosso próprio mérito, mas ao contrário, esse Amor vem apesar do nosso demérito, logo não podemos recusar refletir o Amor de Deus em nossas ações para nenhuma outra pessoa.

“Se alguém afirma: “Amo a Deus”, mas odeia seu irmão, é mentiroso, pois se não amarmos nosso irmão, a quem vemos, como amaremos a Deus, a quem não vemos? Ele nos deu este mandamento: quem ama a Deus, ame também seus irmãos.” (1 João 4:20-21)

SÓ ENTENDEMOS O AMOR DE JESUS POR NÓS QUANDO PRATICAMOS O MESMO AMOR AS PESSOAS AO NOSSO REDOR.

Segundo Phillips (2008, p.70):

“Não se pode experimentar o verdadeiro cristianismo em isolamento. O próprio deus é uma comunidade de três pessoas, constantemente interligadas de modo íntimo. Como fomos criados à imagem de Deus, quanto mais intimamente nos confortarmos à natureza divina, mais abundante será a nossa vida. Só poderemos realizar a plenitude de nossa humanidade em relacionamentos saudáveis.”³⁰

O discipulado cristão está inteiramente ligado no pertencimento à comunidade local. É na comunidade local que podemos experimentar uma devoção não só espontânea, como fazemos em nossas casas com nossa família, mas também verdadeira ao tomarmos conhecimento de outras visões e manifestações de Deus a partir dos nossos irmãos. Deus, também, se manifesta a nós a partir da vida de outros.

É nessa comunidade que podemos aprender de forma verdadeira amar uns aos outros como uma só unidade, semelhante a Deus. O Amor de Deus manifestado na sua comunidade nos faz perceber que os erros da convivência passam tanto pelos outros quanto por nós, assim como os acertos. Precisamos dos outros para nos ensinar a sermos melhores, assim como também temos o que ensinar. O Amor de Deus, também, se revela na consciência de que eu preciso de outros para cultuar a Deus de forma plena.

Na visão de Phillips (2008, p.72):

“Um corpo cristão saudável é caracterizado pela união. É composto de discípulos que morreram para si mesmos e estão em completa submissão a Cristo. Eles descansam

³⁰ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.70.

no conhecimento de que “Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade” (ICo 12:18).³¹

O Amor de Cristo nos leva a amar a nós mesmos e aos outros pelo que Jesus fez e não por nossas próprias ações. Um Amor presente em ações que geram vida, alegria e paz para o outro.

REFLEXÃO

1. Olhando para o seu passado: existe algo que você ainda não consegue se perdoar?
2. Pensando nos seus relacionamentos: existe alguma inimizade que você não consegue perdoar?
3. Como você acha que sua comunidade te ajuda a melhorar e a amar outras pessoas? Como você acha que tem colaborado sua comunidade local no amor, na comunhão e na convivência?

³¹ Ibidem, p.72

Lição 6

EU SOU DISCÍPULO? ORAÇÃO

O caráter do cristão é formado pela sua comunicação com Deus (PHILLIPS, 2008, p.77)³². Toda relação necessita de uma comunicação eficiente. Pense nos seus melhores relacionamentos: seus pais, amigos, namorado(a). É a partir do tempo de dedicação, a conversa e a escuta que os relacionamentos se aprofundam. Com Deus não é diferente. Deus não precisa, mas Ele deseja nos escutar e também que nós o escutamos.

A boa comunicação transforma conhecidos em amigos e superficialidade em intimidade (PHILLIPS, 2008, p.77)³³. O desejo de Deus para a oração não é uma espécie de “sacrifício”. Deus não tem nenhuma necessidade do nosso tempo. Quando oramos, Deus se coloca à disposição de se tornar mais conhecido por nós, de nos mostrar que Ele é e, a partir disso, quem devemos ser. A boa comunicação com Deus desfaz a imagem do “Deus que nos obriga a algo” para o Deus que nos ensina a amar algo: Ele mesmo.

A ORAÇÃO É UMA FORMA DE CONHECERMOS A DEUS E NOS TORNARMOS SEUS AMIGOS

A oração também é um hábito. Nossos relacionamentos não se sustentam apenas no querer conviver, mas no próprio conviver. Pessoas que se amam podem se distanciar, mesmo que aos poucos e sem nem notar, até perceberem o enfraquecimento de seu relacionamento. A prática da oração também precisa ser constante como uma expressão do nosso Amor por Deus.

Phillips (2008, p.80), faz uma ótima comparação:

³² PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.77.

³³ Ibidem, p.77

A constância na vida de oração do discípulo é como a resistência na vida de um corredor fundista. Não há atalhos que encurtem o caminho. É atingida mediante um período extenso de prática diária. Mas, se não usar essa resistência, você a perde. Quando você para por algum tempo, não pode recomeçar no ponto em que parou.³⁴

Deus nos convida a uma vida de relacionamento e isso, também, inclui a oração. A oração não nos une somente a Deus, mas, também, em Deus uns aos outros. A oração compartilhada exercita nosso amor a Deus ao amar também meu próximo. A oração compartilhada com a confissão de pecados nos curam ao nos tornar mais íntimos de Deus e, com isso, uns com os outros no corpo de Cristo.

A oração é o canal de comunicação mais íntimo que o discípulo pode ter com o seu Deus. A qualidade de sua comunicação determina a força de seu relacionamento. A oração é a prova e a prioridade da pessoa que busca a Deus (Lc 18.1)³⁵

SUGESTÃO

Façam duplas ou trios, conversem por uns 5-10 minutos e depois façam pedidos de oração sobre o que conversaram. Esse hábito pode ser mantido para os outros encontros revezando as pessoas das duplas ou trios.

REFLEXÃO

1. O que te motiva a orar?
2. Por que você pede o que pede? Você é sincero com Deus nos seus pedidos? Você é sincero com você mesmo?
3. O quanto você ora com ou por outras pessoas? Consegue pensar em alguém que pode iniciar um hábito de oração coletiva?

³⁴ Ibidem, p.80

³⁵ Ibidem, p.82

Lição 7

CRIADO PARA REPRODUZIR

Já entendemos como precisamos ser moldados para nos tornarmos discípulos e, consequentemente, morrer para si mesmo. Agora, vamos perceber que os discípulos foram feitos para reproduzir³⁶.

O chamado é alto e claro: Recebemos uma ordem para reproduzir em outros o caráter que o Espírito de Deus criou em nós.

Se alguém permanecer em mim e eu nele, esse dará muito fruto [...]. (João 15.5)

Pois quem é a nossa esperança, alegria ou coroa em que nos gloriamos perante o Senhor Jesus na sua vinda? Não são vocês? De fato, vocês são a nossa glória e a nossa alegria. (1 Tessalonicenses 2. 19-20)

Reproduzir o caráter de Cristo não significa simplesmente conduzir alguém a Cristo, muito menos assumir o papel de ajudar a resolver todos os problemas, somente.

Na atualidade, existem alguns pensamentos a respeito de paternidade espiritual, na qual o líder exerce uma influência quase que na forma de dependência com o liderado. Porém, não é isso que Cristo nos diz pra fazer. O papel do discipulador não é ser babá. Mas sim caminhar com o discípulo a fim de que ele se torne um cristão maduro e também discipulador.

Outro cuidado que devemos ter é com a ideia de multiplicação. Multiplicar o evangelho para as pessoas é algo positivo. No entanto, não é saudável priorizar números em detrimento do que é o foco principal: cuidado.

Paulo se preocupava bastante com a qualidade do discipulado, revelada através dos frutos, afirmando que os discípulos que ele havia conduzido a Cristo se tornaram irrepreensíveis em Filipenses e Tessalonicenses (Fp. 2.16 e 1 Ts

³⁶ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.84.

3.5). Da mesma maneira, aos cristãos da Galácia ele escreveu: “Temo que os meus esforços por vocês tenham sido inúteis” (Galácas. 4.11)³⁷.

Philips nos chama atenção para a “esterilidade espiritual”: Para por alguns minutos e pense sobre sua vida, sua espiritualidade e suas atividades religiosas; quais são os frutos da sua vida com Cristo? Se você não faz discípulos, você não está cumprindo o seu alto chamado. PHILLIPS (2008)³⁸ destaca:

A atividade não substitui a obediência; **o viver ocupado não pode tomar o lugar da reprodução.** [...] Resista à tentação de envolver tanto no ‘trabalho cristão’ eu chegue a negligenciar as coisas do Reino.

QUALIFICAÇÃO PARA DISCIPULAR

O discipulado é um trabalho difícil, que exige constante morte de si mesmo (2 Co 4.11). O que nos qualifica não é quem somos, mas sim a perfeição de Cristo, que vive em nós; não é sobre o que sabemos, mas sobre QUEM conhecemos.

Ou seja, só podemos fazer discípulos se exercitamos constantemente nossa morte a fim de que Cristo se manifeste em nós.

Discipular exige entrega: “[...] decidimos dar-lhe não somente o evangelho de Deus, mas também a nossa própria vida, porque vocês se tornaram muito amados por nós”. (1 Tessalonicenses 2.8)

Muitos de nós nos acostumamos em pensar que a Grande Comissão findava na evangelização, sem um compromisso contínuo de entrega, cuidado e acompanhamento com os novos na fé, como se coubesse apenas ao Pastor, depois, ensinar a doutrina e pronto, está inicializado e pronto para viver e sobreviver na fé.

³⁷ Idem, p. 85.

³⁸ Ibidem, p. 85.

Outro destaque de PHILLIPS (2008)³⁹ é que “Despertar alguém a tornar-se cristão sem equipá-lo para viver a vida cristã é irresponsabilidade cruel”. (vide Atos 20.28)

REFLEXÃO

1. Você comprehende a diferença entre evangelização e discipulado?
2. Você entende que não pode ser discípulo verdadeiro sem discipular?
3. Jesus deixou a missão de fazer discípulos. Você tem reproduzido, fazendo outros discípulos de Cristo?
4. Pense em quantos ministérios você faz parte e como você tem utilizado eles para cumprir a Grande Comissão. **Reordene suas prioridades à luz da comissão de Cristo de fazer discípulos**

³⁹ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.89.

Lição 8

A ESCOLHA DE UM DISCÍPULO

Falamos sobre os pilares para ser discípulo e logo a frente falaremos sobre relacionamento intencional. No estudo de hoje pontuaremos questões muito importantes sobre a escolha de um discípulo.

Jesus estabeleceu um alto padrão para seus discípulos; contudo, percebemos que o auto padrão de Jesus não necessariamente se enquadra no que talvez seria auto padrão para nós humanos. Jesus não olhou para qualificação profissional, vida financeira, características de liderança que os tornassem aptos a lidar com pessoas de maneira fácil e natural. Como destaca PHILIPS (2008)⁴⁰:

Jesus fez pescadores de homens somente aqueles que estavam dispostos a segui-lo (Mt. 4.19). Ele exigiu que seus discípulos abandonassem tudo o que tinham, até mesmo a própria vida, se necessário fosse, para segui-lo.

Eles teriam de atingir o seu padrão. (grifo nosso)

A escolha por um discípulo deve buscar alguém que, após ser apresentado a Grande Comissão, compreenda e abrace a missão; Alguém que se comprometa com o chamado de Jesus.

Vamos destacar no estudo de hoje, 5 características apontadas por PHILIPS para identificar o discípulo em potencial:

1. ELE DESEJA CONHECER INTIMAMENTE A DEUS

Textos sugeridos:

- Filipenses 3.10;
- Tiago 1. 22-25;
- Jeremias 9.23,24.

2. ELE ESTÁ DISPONÍVEL

⁴⁰ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo.** Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.91.

Texto sugerido:

- Mateus 6.33

3. ELE É SUBMISSO

Texto sugerido:

- Salmos 51.17

4. ELE É FIEL

Textos sugeridos:

- 1 Coríntios 4.2
- 2 Timóteo 2.2

5. ELE DESEJA FAZER DISCÍPULOS

Texto sugerido:

- 1 João 2.3, 6

ORE COM PERSISTÊNCIA E ESCOLHA COM CUIDADO

Em João 6.44 lemos o que Jesus disse: “_ Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia”. Este texto nos lembra que “não existe maneira pela qual possamos induzir uma pessoa a morrer para si mesma e iniciar um relacionamento de discipulado” (PHILLIPS, 2008)⁴¹.

PHILLIPS (2008)⁴² frisa, ainda que

Jesus escolheu seus discípulos somente depois de passar ‘a noite inteira orando a Deus’ (Lc. 6.12). O Pai deu a Jesus o conhecimento interior para ver o potencial de Pedro, o impetuoso, que seria chamado Cefas, a rocha (Jo. 1.42)
[...] **A direção de Deus na escolha do discípulo é uma ordem.** (grifo nosso)

⁴¹ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.94.

⁴² Idem, p. 93.

“[...]Não atentes sua aparência, nem para altura da sua estatura, porque o tenho rejeitado; **porque o Senhor não vê como vê o homem.** Pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração.” (1 Samuel 16.7)

Por fim, PHILLIPIS (2008)⁴³, lembra que o compromisso com o alto padrão estabelecido por Cristo, e a direção do Senhor, não podem ser relativizadas:

Jesus demonstrou seu compromisso com uma escolha de qualidade ao chamar apenas alguns homens dentre as multidões (Lc. 6.13). Alguns que quiseram estar com ele receberam a resposta de que não poderiam (Lc. 8.38,39). Os que eram muito confiantes, ou tinha prioridades erradas, ou estavam presos a motivações antigas foram excluídos (Lc. 9.57-62).

No entanto, é importante perceber que a qualidade que apontamos não se trata de julgar a qualidade das pessoas, mas tão somente no discipulado, que dependerá da compreensão da Graça, relacionamento com Cristo e comprometimento com a missão.

Desta forma, PHILLIPS (2008)⁴⁴ orienta para que desenvolvamos “um relacionamento de pré-discipulado” antes de convidarmos para o relacionamento de discipulado:

O pré-discipulado permite que você se familiarize com um discípulo em potencial. Desse modo você verificará sua motivação, capacidade de aprendizagem, seu compromisso com Deus e decidir se poderá discipulá-lo ou não, levando em conta sua vida, e não apenas suas palavras. **É essencial que ele assimile os pontos básicos do cristianismo e que você o conheça bem antes de iniciar um relacionamento de**

⁴³ Ibidem, p. 94.

⁴⁴ Ibidem.

discipulado. A primeira epístola de Timoteo 5.22 adverte: ‘Não se precipite em impor as mãos sobre ninguém[...]’. (PHILLIPS, 2008)⁴⁵

Se você conseguiu compreender a importância do discipulado e reconhece o chamado de Jesus para todo o cristão decidindo obedecê-lo, aconselho que você leia o Capítulo 9 do Livro “A formação de um discípulo”, de Keith Phillips, no qual essa lição é também baseada, a fim de que você possa se aprofundar sobre as dicas do autor em relação ao início do relacionamento de discipulado.

REFLEXÃO

4. O discipulado é um compromisso mútuo, portanto, não existem desistências, limites e reservas;
5. O discipulado não é um ambiente de julgamento, mas sim um ambiente para que ambos cresçam mutuamente na plenitude de Cristo;
6. “O propósito do discipulado é equipar alguém que morreu para si mesmo a reproduzir em outras pessoas um caráter semelhante ao de Cristo.” (PHILLIPS, 2008)⁴⁶;
7. “Nenhum discipulado é um fim em si mesmo, mas sim um elo no grande plano de Deus para expandir sua Igreja por meio da reprodução.” (PHILLIPS, 2008).⁴⁷
8. Você está disposto a passar o resto da vida investindo em pessoas?

⁴⁵ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo.** Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.96.

⁴⁶ Idem, p. 97.

⁴⁷ Ibidem, p. 102.

Lição 9

O DISCIPULADO É RELACIONAL

O discipulado é vida na vida! Está longe de ser apenas um encontro com um tipo de estudo, algo programático com tópicos e conclusão. A sua essência está na intencionalidade relacional; é a junção da vida que você tem em Cristo com a vida do seu discípulo num relacionamento pautado em amizade, até porque o próprio Jesus chamou os seus discípulos de amigos: “[...] mas Eu vos tenho chamado amigos...”⁴⁸

Para que essa relação seja saudável, efetiva e duradoura, ela precisa conter oito qualidades. Vamos falar um pouco sobre cada uma delas:

1. CALOR HUMANO

Através de atitudes de amor e bondade demonstradas por meio de conjuntos de comunicações verbais e não-verbais, seremos capazes de fortificar essa relação com laços sólidos. O amor pelo outro é o indicador significativo do amor a Cristo. Paulo disse a Barnabé:

“[...] Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a palavra do Senhor, para ver como estão indo”⁴⁹

Isso é interesse genuíno. Isso é cuidado! É necessário ir além da superficialidade das relações que a sociedade está acostumada a viver atualmente. Precisamos de ouvidos atentos e corações misericordiosos para ouvir e confortar quando necessário. Precisamos considerar os interesses, alegrias e preocupações como se fossem nossas.

Ter interesse sincero pelas pessoas e pelos eventos que as afetam, nos faz julgar menos e acolher mais. Nos faz saber ter tato para saber o que falar e quando falar para ensinar sem ofender o outro; Proverbios 15:23 observa: “[...] como é bom um conselho na hora certa”.

2. LEALDADAE

⁴⁸ João 15:15

⁴⁹ Atos 15:36

Justamente por conta das atitudes de amor e bondade, nasce então uma conexão de confiança. Lealdade se resume a compromisso. Significa ficar ao lado do seu discípulo nos problemas e nas alegrias, e é justamente nos problemas que o relacionamento é ainda mais solidificado.

3. IMPARCIALIDADE

O único padrão que devemos seguir é o de um caráter semelhante ao de Cristo. Comparações, expectativas e tomar partido serão caminhos extremamente desastrosos. É necessário ter discernimento e sabedoria para procurar aceitar cada pessoa do jeito que ela é, e sempre motivar a desenvolver suas habilidades e dons, tudo para a edificação do corpo de Cristo e para sua glória.

4. MATURIDADE

A maturidade é alcançada quando nos tornamos mais como Jesus Cristo. É um chamado a fidelidade com Deus. Após a sua conversão, você entrou em um processo de crescimento espiritual, com a intenção de se tornar espiritualmente maduro. Paulo diz que é um processo contínuo que nunca terminará nesta vida.⁵⁰ A exemplo do seu caminhar, o discípulo irá reproduzir, ou imitar a sua conduta.

Ele aprenderá a servir, a ser sensível, e a ter a atitude correta quanto a responsabilidade pelo seu exemplo.⁵¹

ORE COM PERSISTÊNCIA E ESCOLHA COM CUIDADO

Em João 6.44 lemos o que Jesus disse: “_ Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia”. Este texto nos lembra que “não existe maneira pela qual possamos induzir uma pessoa a

⁵⁰ Filipenses 3:12-14

⁵¹ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.111

morrer para si mesma e iniciar um relacionamento de discipulado" (PHILLIPS, 2008)⁵².

PHILLIPS (2008)⁵³ frisa, ainda que

Jesus escolheu seus discípulos somente depois de passar 'a noite inteira orando a Deus' (Lc. 6.12). O Pai deu a Jesus o conhecimento interior para ver o potencial de Pedro, o impetuoso, que seria chamado Cefas, a rocha (Jo. 1.42) [...] **A direção de Deus na escolha do discípulo é uma ordem.** (grifo nosso)

[...]Não atentes sua aparência, nem para altura da sua estatura, porque o tenho rejeitado; **porque o Senhor não vê como vê o homem.** Pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração. (1 Samuel 16.7)

Por fim, PHILLIPIS (2008)⁵⁴, lembra que o compromisso com o alto padrão estabelecido por Cristo, e a direção do Senhor, não podem ser relativizadas:

Jesus demonstrou seu compromisso com uma escolha de qualidade ao chamar apenas alguns homens dentre as multidões (Lc. 6.13). Alguns que quiseram estar com ele receberam a resposta de que não poderiam (Lc. 8.38,39). Os que eram muito confiantes, ou tinha prioridades erradas, ou estavam presos a motivações antigas foram excluídos (Lc. 9.57-62).

No entanto, é importante perceber que a qualidade que apontamos não se trata de julgar a qualidade das pessoas, mas tão somente no discipulado, que dependerá da compreensão da Graça, relacionamento com Cristo e comprometimento com a missão.

⁵² PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo.** Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.94.

⁵³ Idem, p. 93.

⁵⁴ Ibidem, p. 94.

Desta forma, PHILLIPS (2008)⁵⁵ orienta para que desenvolvamos “um relacionamento de pré-discipulado” antes de convidarmos para o relacionamento de discipulado:

O pré-discipulado permite que você se familiarize com um discípulo em potencial. Desse modo você verificará sua motivação, capacidade de aprendizagem, seu compromisso com Deus e decidir se poderá discipulá-lo ou não, levando em conta sua vida, e não apenas suas palavras. **É essencial que ele assimile os pontos básicos do cristianismo e que você o conheça bem antes de iniciar um relacionamento de discipulado.** A primeira epístola de Timóteo 5.22 adverte: ‘Não se precipite em impor as mãos sobre ninguém[...]’.

(PHILLIPIS, 2008)⁵⁶

Se você conseguiu compreender a importância do discipulado e reconhece o chamado de Jesus para todo o cristão decidindo obedecê-lo, aconselho que você leia o Capítulo 9 do Livro “A formação de um discípulo”, de Keith Phillips, no qual essa lição é também baseada, a fim de que você possa se aprofundar sobre as dicas do autor em relação ao início do relacionamento de discipulado.

REFLEXÃO

1. O discipulado é um compromisso mútuo, portanto, não existem desistências, limites e reservas;
2. O discipulado não é um ambiente de julgamento, mas sim um ambiente para que ambos cresçam mutuamente na plenitude de Cristo;

⁵⁵ Ibidem.

⁵⁶ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo.** Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.96.

3. “O propósito do discipulado é equipar alguém que morreu para si mesmo a reproduzir em outras pessoas um caráter semelhante ao de Cristo.” (PHILLIPS, 2008)⁵⁷;
4. “Nenhum discipulado é um fim em si mesmo, mas sim um elo no grande plano de Deus para expandir sua Igreja por meio da reprodução.” (PHILLIPS, 2008).⁵⁸
5. Você está disposto a passar o resto da vida investindo em pessoas?

⁵⁷ Idem, p. 97.

⁵⁸ Ibidem, p. 102.

Lição 10

A DINÂMICA DO DISCIPULADO

Vimos a necessidade do discípulo conhecer a Deus, ter disposição, submissão, fidelidade e visão. Essas são características que o tornam discípulo, com potencial para reproduzir. No entanto, PHILLIPS (2008) destaca que uma dinâmica adequada é o combustível para que o discípulo atinja a capacidade de reproduzir, frutificando na vida de outras pessoas.

O relacionamento do discipulado vai abranger vários aspectos da vida de discípulo e discipulador, e não se limita a um tempo marcado na agenda. No entanto, é necessário que haja um tempo regular separado para um encontro semanal, a fim de que sejam abastecidos com algumas prioridades. “É de suma importância que haja experiência da vida real e interação pessoal” (PHILIPS, 2008)⁵⁹.

ADORAÇÃO

O principal propósito desse relacionamento é a glorificação de Deus. O temor, respeito e amor dedicados ao Senhor demonstradas em ações são expressões de adoração. Precisamos ser exemplos para nossos discípulos.

A adoração a Deus não precisa ser presa em uma forma. A cada dia você pode se relacionar expressando o que sente. Um coração focado no Espírito Santo será guiado em uma adoração espontânea, com liberdade e sinceridade.

PHILLIPS⁶⁰ (2008) destaca que “quando sua adoração for guiada pelo Espírito, ela será uma resposta que glorifica a Deus (1 Co 10.31), fortalece o corpo de Cristo (1 Co 14. 3,12) e edifica você e seu discípulo (1 Co 10.23).

MINISTÉRIO

Assim como Jesus fazia por seus discípulos e também Paulo a Timóteo, a oração precisa ser componente natural do relacionamento de discipulado. Vocês devem orar um pelo outro e ministrar um na vida do outro.

⁵⁹ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p.124.

⁶⁰ Idem.

É importante que vocês “orem pela proteção de cada um (1 Co 13.7) e pelo crescimento (cl 1.9,10). Peça a Deus direção enquanto você aconselha seu discípulo e procura identificar suas necessidades.” (PHILLIPS, 2008)⁶¹

O bem estar espiritual do discípulo deve ser mais importante do que o “fazer coisas”. “O caráter e as necessidades de meus discípulos são agora prioridade muito maior do que seu ministério.” (PHILLIPS, 2008)⁶².

MEMORIZAÇÃO

PHILLIPS (2008)⁶³ destaca que “a memorização das Escrituras está tornando-se uma prática esquecida entre os cristãos. Contudo, a Bíblia insiste em que os cristãos tenham a Palavra de Deus neles (Pv 7.1)”.

Vejamos outros textos que destacam a importância de conhecer profundamente as escrituras:

- Deuteronômio 6.6;
- Salmos 119.11;
- Lucas 4. 4-12;
- Salmos 37,31;
- Colossenses 3:16.

“A memorização das Escrituras é um alívio valiosíssimo para moldar um caráter semelhante ao de Cristo. É a base para o conselho sábio e a correção.” (PHILLIPS, 2008).⁶⁴

MEDITAR

A meditação bíblica é uma prática que tem sido esquecida por muitos. Entretanto, não deixa de ser necessária e destacada na Bíblia. Diferentemente da meditação trazida por ocidentais e outras religiões, na qual o intuito é esvaziar-se para alcançar o Nirvana, por exemplo; a meditação bíblica é sobre

⁶¹ Ibidem, p. 126.

⁶² Ibidem.

⁶³ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p. 127.

⁶⁴ Idem, p. 127.

se esvaziar para ser completamente preenchido por pensamentos que venham do Senhor, Sua Palavra, Seus preceitos.

PHILLIPS (2008)⁶⁵ acrescenta que a meditação bíblica “é a consequência natural do nosso amor à Palavra de Deus (Sl 119.47). A meditação coloca-nos na presença de Deus, produzindo paz, confiança e calma que só podem ser encontradas nele.” Neste sentido, destaca, ainda que “como somos profundamente influenciados pelo que pensamos, a meditação produzirá obediência (Sl 119.15) e alegria (Jr 15.16).

**Sugiro a leitura das páginas 128 e 129 do livro em referência para dicas sobre como desenvolver a meditação bíblica.*

ENSINO

Em Colossenses 1.28 Paulo escreveu:

Nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.

Os discípulos foram instruídos a ensinar, assim como Paulo ensinou a vontade de Deus aos crentes.

- ENSINE A BÍBLIA A SEU DISCÍPULO
 - Lucas 24.45
 - João 21. 15-17
 - Hebreus 4.12
 - Salmos 119.18

- SEJA CRIATIVO
- SEJA FLEXÍVEL
- ENSINE SEU DISÍPULO A PENSAR (Rm. 12.2)
- ENSINE SEU DISCÍPULO A TOMAR DECISÕES (Jo 14.24/ Jo 17.8)

⁶⁵ Ibidem, p. 128.

CORRIJA FRAQUEZAS

O discipulado não é um ambiente de julgamento, entretanto, todos estão em constante transformação e aperfeiçoamento pelo Espírito Santo de Deus. Dessa forma, devemos demonstrar amor, também confrontando quando necessário. Atrito não significa necessariamente uma briga, mas exortar em amor.

Provérbios 27.17 dispõe que assim “como o ferro afia o ferro, um amigo afia o outro”. Outras versões trazem que “o atrito afia a amizade”. Se você ama alguém, não vai deixar de confrontá-la.

- IDENTIFIQUEM AS FRAQUEZAS

_____ (Ap. 3.19)

- OREM JUNTOS

_____ (Rm 15.30)

- DESENVOLVA UMA ESTRATÉGIA para vencer as fraquezas através de estudo bíblico (Rm 15.4), modelos positivos (Fp 3.17) e aplicações práticas (Tg 1.22).

■

_____ (Rm 15.4)

■

_____ (Fp 3.17)

_____ (Tg 1.22)

○ CONSIDERE-O RESPONSÁVEL

_____ (1 Tm 4.12-16)

DESENVOLVA OS PONTOS FORTES

Cultivar os pontos fortes do discípulo é contribuir para seu crescimento e desenvolvimento dos talentos dados por Deus.

Porém, cuidado! Quando nossas qualidades aparentes são fonte de orgulho, não podemos encará-las como força, mas sim fraqueza.

Lembra da estratégia da qual falamos acima? Que precisa incluir estudo bíblico, modelos positivos e aplicação prática? Pois é! O ideal seria pensar em uma dinâmica que trate uma fraqueza ao mesmo tempo em que aprimore um ponto forte.

Algo que contribui para aprimoramento do próprio discipulado é sempre avaliarem os planos executados. PHILLIPS (2008)⁶⁶, conclui, ainda, destacando que devemos encorajar e elogiar o discípulo

⁶⁶ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008, p. 140.

REFLEXÃO

Conforme nos indica PHILLIPS (2008)⁶⁷, vamos verificar a lista da dinâmica do discipulado?

Devo assegurar que o ambiente espiritual do meu discípulo inclua:

- _____ - Atitude que expressa nosso amor, temor e respeito pelo Deus todo-poderoso;
- _____ – Construir e edificar um ao outro;
- MEMORIZAÇÃO - _____ a palavra de Deus no coração;
- _____ - procurar conscientizar-se de Deus;
- Ensino:
 - Da _____;
 - De como p_____;
 - De como tomar _____.
- Correção das _____.
- Desenvolvimento e Aprimoramento dos _____.

⁶⁷ Idem, p. 141.

Lição 11

O PADRÃO DO DISCÍPULO: EXCELÊNCIA

Ser discípulo é ter um caráter de excelência como o próprio Jesus teve aqui na terra. Ao observarmos a história de vida do nosso Senhor vamos perceber claramente que Ele esperava que seus discípulos praticassem aquilo que lhes ensinou, exigindo excelência em tudo que façamos pelo Reino. Jesus ensinou aos seus discípulos e nos ensina: “Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o pai celestial de vocês” (Mt 5.48).

Como discípulos de Cristo, temos que refletir como tem sido as nossas atitudes ao exercermos as atividades, se de fato estamos desenvolvendo com excelência e buscando aperfeiçoamento ou estamos fazendo por “obrigação”. Precisamos compreender que o aperfeiçoamento que Deus espera de seus filhos é se colocando à disposição, contudo, os dons divinos de graça e poder acompanham as exigências de Deus. Porque Cristo está em você, a santidade é atingível.

Discípulo é fazer com que outras pessoas vejam em você Cristo, “Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem, mas seja um exemplo para os fiéis na palavra, no procedimento, no amor, na fé e na pureza” (I Tm 4.12).

PALAVRA

“[...] Se alguém não tropeça no falar, tal homem é perfeito, sendo também capaz de dominar todo o seu corpo” (Tg 3.2). A maneira de um discípulo se comunicar é fundamental na saúde espiritual, a busca de empatia no seu dia a dia ao se relacionar aperfeiçoa a forma de lidar com pessoas. Em Lucas 6.45 nos ensina que “a boca fala do que está cheio o coração”, precisamos ter discernimento com as nossas palavras e ações. “[...] Se alguém não tropeça no falar, tal homem é perfeito, sendo também capaz de dominar todo o seu corpo” (Tg 3.2).

CONDUTA

Segundo Phillips “o comportamento de seu discípulo deve produzir respeito ao Cristo que habita nele”. Ser um discípulo com excelência é saber

usar devidamente o senso de justiça e discernimento a palavra “NÃO”, há coisas que ao olhar humano parece ser bom, mas não condiz com a conduta de um discípulo de Deus. A conduta de um discípulo é seguir os princípios bíblicos, mantendo os olhos focados no alvo, permitindo que o seu relacionamento com Deus, seja percebido pelas suas atitudes, cada atitude deve ter como motivação ser como ele. “[...] criado para ser semelhante a Deus em justiça e em santidade provenientes da verdade” (Ef 4.24).

AMOR

No dicionário da língua portuguesa atribui ao amor o seguinte significado: “o amor é um sentimento que leva a desejar o bem, mas que leva a desejar o bem”, mas o amor não é apenas um sentimento, é também uma decisão. Deus nos ama incondicionalmente (Jo 3.16). Quando se ama verdadeiramente, não depende de quem recebe amor. Amor igual a de Deus não existe, porque o amor de Deus transforma. O amor é uma coisa poderosa. “[...]Ame os outros como você ama a você mesmo. [...]” Mc 12.31

FÉ

Se perguntarmos o que é fé, as pessoas pensam sobre a fé, muitas delas irão dizer “eu acredito em Deus” ou “foi o que me ensinaram desde criança”. No entanto que diferença faz se pra você tem fé é o mesmo que acreditar em qualquer coisa que lhe digam. Em hebreus 11.1 diz que a fé é afirmar confiança em Deus. A fé é certeza e existe margem para dúvidas. A fé deve ser o motivo pelo qual vivemos, o objetivo da fé é a salvação.

PUREZA

Pureza significa sem mistura, alteração ou modificação. Deus quer de nós um caráter puro, enquanto a sociedade prega que tudo é lícito, que antes de se comprometer a ser discípulo de Cristo é necessário se contaminar carregando marcas de poluição do mundo. É preciso compreender que não pertencemos a esse mundo. A pureza requer dos filhos de Deus um caráter puro. Primeiro, ele precisa conformar sua mente à mente de Deus. Em Filipenses 2.5 lemos: “Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus”.

REFLEXÃO:

1. Você como discípulo de Cristo comprehende o padrão da excelência e está buscando obtê-la?
2. Aos olhos da sociedade, eles conseguem enxergar Cristo em suas ações e atitudes?

Lição 12

O MODELO DO MESTRE

Temos a missão de fazer discípulos, ensinando a viver como Cristo ordenou e batizando em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28.19). Além da missão, também temos a mensagem (todas as coisas que Jesus mandou) e o modelo a ser seguido para fazer discípulos, para que, assim como o Senhor fez, devemos fazer também.

Descobrimos que as crianças aprendem mais observando seus professores no amor e cuidado aos outros do que aquilo que aprendem nas histórias bíblicas... É por isso que o método de Cristo de treinar as pessoas tem importância máxima. A observação cuidadosa de sua estratégia revela que o treinamento de uma pessoa para se tornar discípulo atuante exige tratamento duplo... (PHILLIPS, 2008, p. 155)⁶⁸

PRIMEIRO: O MÉTODO E A MENSAGEM DE CRISTO ERAM: “SEJAM COMO EU SOU”

Quantos na infância já brincaram de ‘Siga o Mestre’ ou ‘O Mestre mandou’? Na introdução da brincadeira a pessoa a ser imitada dizia: “O Mestre mandou!”. E os imitadores respondiam: “Fazer o quê?!”. Como era frequente o mestre fazer cada coisa estranha (marmota) para ver os imitadores “pagando o maior mico”.

Numa ideia melhor, o apóstolo Paulo nos convoca diversas vezes a imitarmos a melhor pessoa a ser copiada, o verdadeiro Mestre, Jesus: “Sejam meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1); “Sejam imitadores de Deus, como filhos amados” (Ef 5.1); e “Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus” (Fp 2.5)⁶⁹. Podemos perceber que, em 1 Coríntios 11.1, Paulo era o exemplo a ser copiado porque ele mesmo reproduzia o comportamento do Senhor, conforme ele orienta copiar nos outros versículos.

⁶⁸ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008.

⁶⁹ BEZERRA, João Marcos. **Vamos brincar de ‘Siga o Mestre’**. Disponível no site: <http://jmarcosbezerra.blogspot.com/2017/04/vamos-brincar-de-siga-o-mestre.html>. 2017.

Da mesma forma, o discipulador, que é obediente e submisso à Jesus, ama a Deus e às pessoas e tem uma vida de oração, deve ser um modelo a ser seguido porque reflete a vida do Mestre. Este exemplo a seguir não vem do ensino didático por meio de estudos e aulas, mas da convivência com o discípulo porque no discipulado “o caráter é transmitido, e não ensinado” (PHILLIPS, 2008, p. 157)⁷⁰.

Além da convivência, Cristo ensinava aos discípulos os princípios do Reino de Deus e a verdade que leva a vida eterna. Segundo Phillips (2008, p.157):

Jesus explicou cuidadosamente os seus ensinos e seus atos aos discípulos para que eles compreendessem a razão e os princípios que o motivavam. Ele gastou tempo a sós com eles, explicando-lhes porque falava em parábolas (Mt 13.10-15) e revelando os segredos do Reino de Deus (Mc 4.11). Marcos diz que “quando, porém, estava a sós com seus discípulos, explicava-lhes” (4.34). Enquanto Jesus ensinava a seus discípulos os princípios que deveriam seguir em seu ministério, concentrou-se em moldar-lhes o caráter, e não apenas em transmitir informações. Não houve outros homens que se assentaram aos pés de um mestre mais profundo e relevante.⁷¹

SEGUNDO: DELEGAR FAZ PARTE DO DISCIPULADO

O treinamento prático exige que você permita que seu discípulo participe de sua vida e ministério. Isso se faz delegando. Delegar é confiar *responsabilidade* e *autoridade* a outros, estabelecendo *prestações de contas* dos resultados...

Jesus delegava responsabilidade. Depois que os discípulos observaram de perto a vida e o ministério de Cristo e aprenderam os princípios por trás de seus atos, ele deu-lhes oportunidades de pôr em prática aquilo que tinham aprendido.

⁷⁰ PHILLIPS, Keith W. **A formação de um discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2008.

⁷¹ Idem, p. 157.

Sua participação começou com tarefas pequenas como procurar comida, distribuir pães e peixes e arranjar um barco. À medida que cresceu o compromisso, ele os instruiu a batizar outros. Em seguida, ele os levou para uma tarefa experimental — uma viagem missionária muito bem supervisionada através da Galileia. Eles tornaram-se seus parceiros no ministério. (PHILLIPS, 2008, p.161)⁷²

Com isso, podemos aprender quatro diretrizes para auxiliar na delegação de responsabilidades àqueles que discipulamos⁷³:

1. Nunca delegar prematuramente para não dar a ideia de que ‘fazer’ é mais importante que ‘ser’;
2. Ser claro sobre a responsabilidade quando o discípulo for assumir uma tarefa;
3. Começar a delegação de responsabilidades de forma gradativa, das pequenas às maiores tarefas, de forma a permitir o amadurecimento e aprendizado;
4. Inspirar confiança por meio de críticas construtivas que levem o discípulo a melhorar, pedindo a “opinião sobre problemas específicos” e seguindo sempre que possível⁷⁴.

REFLEXÃO

6. Ao entender qual é a missão, você também tem entendido qual é a mensagem e quem é o modelo a ser seguido?
7. Você reconhece Jesus como o seu modelo de vida e discipulado? Como você tem demonstrado isto na prática?
8. Em seu papel como discipulador, avalie o seu nível de confiança em delegar tarefas e responsabilidades às pessoas que você discipula.

⁷² Ibidem, p. 161.

⁷³ Ibidem, p. 162 a 163.

⁷⁴ Ibidem, p. 164.